

## **Zine alternativo como prática formativa e engajamento sócio local para à consciência cidadã<sup>1</sup>**

Ingrid Gomes Bassi<sup>2</sup> – Unifesspa  
Rogério Alves da Silva Filho<sup>3</sup> – Unifesspa

**Resumo:** O presente artigo descreve a produção coletiva de três fanzines, com as respectivas temáticas: 1 – Cadê o afeto? – os sentimentos em época pandêmica; 2 – Feminicídio, por quê? – crítica das violências vividas pelas mulheres; 3 – De onde falamos? – A Amazônia não é só um local e território. Os zines foram desenvolvidos como atividade de ensino-aprendizagem na disciplina de Jornalismo Comunitário e Alternativo lecionada de forma remota de fevereiro a abril de 2021, no Curso de Jornalismo, na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. A partir da sistematização dos zines, o artigo traz a análise da produção à luz das teorias de Comunicação Alternativa, Comunitária e Cidadã, bem como relacionamos as reflexões geradas com as problemáticas locais de onde falamos, a Amazônia Oriental. Para isso nos baseamos no método da pesquisa-ação, como produtores e interlocutores das etapas de execução dos zines. Como resultados, observamos produtos comunicativos voltados para a crítica e reflexão de temáticas importantes para o reconhecimento de cidadania local.

**Palavras-chave:** Zine; Comunicação Comunitária e Alternativa; Rondon do Pará; Prática Formativa; Cidadania.

### **Introdução**

“Tem um outro lugar  
Com um pouco de fé fará sentido  
Mais justo que o nosso lar  
Aonde esse canto será ouvido  
Lá não tem disso não”  
(Trecho da música *Um outro lugar*,  
da banda Plebe Rude).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT-4 Práticas profissionais e formação cidadã em comunicação da XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2020-2021, de 22 a 24 de junho de 2021, na modalidade online – realizada ABPCOM – Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã e UNESP – Universidade Estadual Paulista / FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Departamento de Comunicação.

<sup>2</sup> Pós-doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Unesp). Especialista em Globalização e Cultura pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Professora do Magistério Superior na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – ICSA. E-mail: [ingrid.bassi@unifesspa.edu.br](mailto:ingrid.bassi@unifesspa.edu.br). Líder do Grupo de Pesquisa: Discursividade e Estudos das Comunicações Contemporâneas e Membro do Núcleo de Estudos de Comunicação Comunitária e Cidadania - COMUNI e do Grupo AlterMídia - Estudos sobre Mídia e Alteridade.

<sup>3</sup> Graduando em Jornalismo na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, bolsista de monitoria da disciplina de Laboratório de Assessoria de Imprensa e Comunicação Organizacional. E-mail: [rogerioalves@unifesspa.edu](mailto:rogerioalves@unifesspa.edu).

Há “Um outro lugar”, como espaço de crítica, análise e construção alternativa na práxis educacional. Da esperança e alusão poética da letra musical, visualizamos na disciplina de Jornalismo Comunitário e Alternativo conteúdo teórico e práticas comunicativas – experiências, processos e meios de comunicação, que edificam a ponte da comunicação como proposta possível de crítica, análise e execução para à cidadania.

Nessa disciplina, ao resgatar o sujeito histórico e a construção informativa no jornalismo em diversos jornais alternativos (O Pasquim, Versus, Repórter, Coojornal, Bondinho, Opinião, Movimento e Em Tempo) e alternativos basistas (O Jornal dos Bairros, O Reporter da Região, O Jornal da Vila, ABCD Jornal, Batente e Nanico) presenciamos a ligação sócio local da práxis do jornalista com a importância da crítica e da pauta de resistência política de mudança social. Outro conteúdo da disciplina é a Comunicação Comunitária. Como subtemática dialogamos com a ideia de Comunidade, Rádio comunitária, Televisão comunitária, Comunicação de resistência e Mídia radical e contra hegemonia. Desse referencial teórico, destacamos Bernardo Kucinski, Cicilia Peruzzo, Ismar Filho, John Downing, Martin Buber e Raquel Paiva.

Para introduzirmos de onde falamos, é interessante iniciarmos pela Fauldade em que estamos. O Curso de Jornalismo foi iniciado em 2018, no *campus* de Rondon do Pará, no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas/ICSA. Rondon do Pará sedia um dos cinco *campus* - Marabá, Santana do Araguaia, São Félix do Xingu e Xingua - da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). A Unifesspa é uma universidade recente, iniciada ainda com o apoio da UFPA na região do sudeste do Pará, em 2013 se desmembra da UFPA conseguindo recursos financeiros e humanos para se tornar a Unifesspa. Em Rondon do Pará está desde 2014, com os cursos de bacharel em Administração e Ciências Contábeis.

A cidade de Rondon do Pará tem cerca de 53 mil habitantes (IBGE, 2020), está próximo da divisa com o Maranhão em aproximadamente 100km, e da capital Belém em 540km. O *campus* do ICSA em Rondon do Pará ocupa um espaço de ensino, pesquisa e extensão importante para a crítica e transformação local, ao colaborar com o empoderamento social de seus direitos, na tentativa de trazer luz sobre a prática da cidadania aos grupos e setores marginalizados da região.

Para tanto o Curso de Jornalismo aglutina estudantes da região e também de localidades mais distantes no Pará, como Altamira, Belém e Marajó. A maior parte dos discentes do Curso, de 2018, 2019 e 2020 são os primeiros na geração familiar a estarem

cursando Ensino Superior, assim como na cidade, há poucas alternativas de Ensino Superior, das existentes, apenas a Unifesspa é presencial e pública.

Por isso que a disciplina de Jornalismo Comunitário e Alternativo ganha ainda mais fôlego na discussão de cidadania num espaço periférico da Amazonia brasileira. A problemática deste artigo é justamente sistematizar o papel da comunicação e dos futuros profissionais em Jornalismo na emblemática ação entre cidadania e sujeitos históricos, nesse espaço da Amazônia Oriental.

Pela disciplina ter sido lecionada de forma remota de fevereiro a abril de 2021 uma produção coletiva possível, foi o planejamento e execução de fanzines. Foram indicadas três temáticas: 1 – Cadê o afeto? – os sentimentos em época pandêmica; 2 – Feminicídio, por quê? – crítica das violências vividas pelas mulheres; 3 – De onde falamos? – A Amazônia não é só um local e território. Os temas foram discutidos, aceitos e divididos entre os grupos, por ordem de proximidade com as temáticas. Cada fanzine contou com quatro membros na equipe. As apresentações se deram na aula síncrona, pela plataforma *Google Meet*, em meados de março, com a identificação de cada construção teórica-analítica pelos discentes.

Como método de pesquisa usamos a referência da pesquisa-ação, pela qual nós (docente e discentes) participamos ativamente no planejamento, roteirização e execução dos fanzines. Na pesquisa-ação, Cicilia Peruzzo (2015, p.125-145) identifica a participação de “ver as coisas de dentro” pelo pesquisador, assim como se colocar no lugar do outro e co-vivenciar as experiências e realidades do “objeto de investigação”. Nesse sentido, nós enquanto produtores dos fanzines posicionamos as problemáticas dos temas a partir do local de fala de onde nos situamos, com a perspectiva de provocar pela análise e reflexão propostas de mudança social, no âmbito da cidadania. Essa análise se deu inicialmente com o próprio grupo de discentes, da orientação coletiva, no processo de execução e na publicização dos fanzines. A ideia central dos fanzines foi a análise dos temas e apropriação crítica dos mesmos pelo grupo de discentes e docente da disciplina, incentivando o promissor profissional em Jornalismo à prática de diálogo com o meio “comunicação” para as mudanças sociais necessárias para a melhora de vida e apropriação de direitos garantidos na cidadania.

Na pesquisa-ação o grupo participa da realização da pesquisa (PERUZZO, 2015, 138), assim como os membros da disciplina de Jornalismo Comunitário e Alternativo contribuíram de forma equitativa, da discussão inicial, à pauta, produção e finalização dos fanzines. Houve engajamento do grupo na formulação do problema de pesquisa, do roteiro, levantamento de

dados, apuração, entrevistas e, posterior discussão dos resultados (PERUZZO, 2015, 138), na apresentação dos grupos. Dos problemas factuais, estamos vivendo coletivamente a questão da ausência do afeto e entendimento social, muito em razão do contexto pandêmico. Outro tema é o crime contra a mulher, as violências físicas, morais e psicológicas, e a terceira temática dialogamos criticamente sobre as representações do local de onde falamos, a Amazônia. As três temáticas apontadas nos fanzines são dificuldades em comum, entre os grupos, e foram entendidas como pautas em que os grupos precisariam problematizar localmente, buscando soluções e caminhos alternativos para a mudança social voltada à cidadania.

Nesse sentido a pesquisa-ação iniciou com o diálogo de temas, seleção das temáticas já citadas, divisão das equipes por proximidade de assunto, três encontros virtuais online para a produção da pauta, levantamento de dados, entrevistas, apuração e divisão dos subtemas no fanzine. Depois ocorreu a produção das colagens e diagramação, finalizando com a apresentação em 16 de março de 2021.

Para este artigo, então, aprofundamos na descrição e análise dos fanzines e no referencial teórico base para suas construções, e apresentamos essa discussão e os resultados das equipes.

## **1. Discussão**

### **1.1 Afeto é resistência!**

Durante a disciplina de Comunicação Comunitária e Alternativa, os discentes desenvolveram a criação de fanzines/zines. Para isso a turma se dividiu em três grupos, cada um com um tema. O primeiro grupo desenvolveu o trabalho com o tema “Cadê o afeto? Sentimentos em época pandemia”, que consistiu em um fanzine com seis páginas. A capa fazia uma representação ao filme “o menino do pijama listrado”, que foi representado pelos dois garotos separados pelo muro do campo de concentração e em cada um a colagem de uma máscara. Essa representação foi feita para pensar o distanciamento social não com uma palavra que ficou conhecida durante a pandemia, mas como uma forma de dizer que há muito tempo estamos distantes socialmente. Na segunda página, foi apresentado um poema intitulado “o lamento”, que se referia à pandemia e a todas as perdas que aconteceram durante ela.

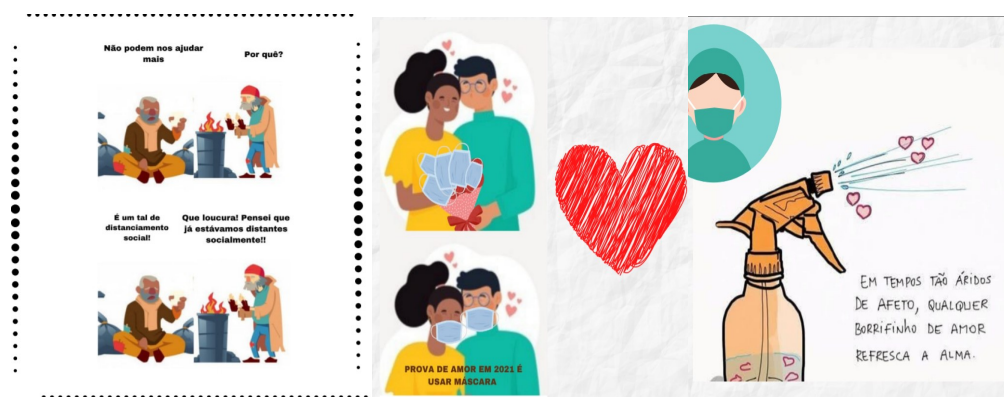
Quadro ilustrativo 1: zine “Cadê o Afeto?”



Fonte: Zine *Cadê o Afeto?* Grupo formado pelos discentes Karoline Bezerra, Lucas Guilherme, Rogério Filho e Vanete Araújo.

Também falava sobre a luta da ciência e da religiosidade e uma mensagem alertando as pessoas a ficarem em suas casas. Ainda foram dedicadas mais duas páginas para uma colagem autoral do grupo que se inspirou em uma situação vivida durante o isolamento social. O texto “colado” falava sobre a separação das pessoas durante o isolamento, mas que o muro não conseguiu separar o afeto. Isso porque durante o período de quarentena os vizinhos que não podiam se encontrar, utilizavam o muro para trocar alimentos que é representado em uma outra página com a colagem de algumas frutas. Fatos ocorridos em Rondon do Pará, por membros da equipe e outros colegas da cidade. Após essa colagem, o grupo apresentou uma tirinha que reforçou a ideia do distanciamento social. Nessa página foi desenvolvida uma conversa entre dois moradores em situação de rua, aonde um diz ao outro que as pessoas não podem mais parar para ajudá-los, e o outro morador responde fazendo uma pergunta: por quê? Então, o morador em situação de rua responde que é um tal de distanciamento social, e outro faz uma crítica dizendo que achava que já estavam distante socialmente.

Quadro ilustrativo 2: continuação zine “Cadê o Afeto?”



Fonte: Zine *Cadê o Afeto?* Grupo formado pelos discentes Karoline Bezerra, Lucas Guilherme, Rogério Filho e Vanete Araújo.

Sobre o afeto, o grupo pensou em uma ilustração que representava um casal de namorados que na primeira parte da ilustração estavam sem máscara. Então, o rapaz entrega um buquê à namorada, porém ao invés de ser flores, ele entrega um buquê de máscaras. Assim na segunda imagem os dois já estão com máscaras e uma frase final que dizia: prova de amor em 2021 é usar máscara. Desse modo, o grupo tentou passar a mensagem de que usar a máscara é um ato de se cuidar, e também cuidar dos outros. Uma forma de afeto. Para finalizar, o grupo trouxe um acessório, que ficou muito conhecido durante a pandemia, o borrifador. Na imagem apresentada, além do álcool que virou aliado ainda maior durante a pandemia, também saia alguns corações trazendo essa ideia de amor e de se importar com o próximo. E para fechar, a última página trouxe uma mensagem sobre a nossa política e o *slogan* crítico que vivemos, que dizia: “vacina sim, ele não!”, representado por uma colagem em que as letras faziam alusão à tão esperada vacina.

Quadro ilustrativo 3: continuação zine “Cadê o Afeto?”



Fonte: Zine *Cadê o Afeto?* Grupo formado pelos discentes Karoline Bezerra, Lucas Guilherme, Rogério Filho e Vanete Araújo.

A vertente política é o alicerce da Comunicação Comunitária e Alternativa, pois é por atos e discussão no âmbito da política em que a cidadania resiste como saída dialógica, e as vezes pela forma de conquista e muita luta. Quando trazemos o tema do afeto, e a racionalização sobre ele nas relações atuais, no contexto pandêmico, em especial na problematização sobre o isolamento social, tentamos provocar sobre os possíveis desdobramentos da solidariedade e união na sociedade, também como propostas de resistência política.

Nesse sentido, trazemos o conceito de mídia contra hegemônica, na concepção do pesquisador John Downing (2004), o qual explica as várias formas dessa comunicação, também chamada de mídia radical, como conceito são expressões comunicativas que podem

ser para dentro da comunidade, ou com o objetivo de irem para fora, atingirem outros públicos no ato de se comunicarem. Como exemplos possíveis, na historiografia que levanta, traz: a dança afro-americana, as canções populares, o grafite – cultura hip-hop, a mídia têxteis – vestuário, os broches e buttons de lapela, os adesivos de para-choques e o teatro popular. Na mídia radical, a audiência é ativa, ou seja, o público – espectador e leitor na mídia radical – elabora seus produtos e mensagens de comunicação, estimulando uma esfera pública alternativa. Outro fator, característico dessa mídia, é a acessibilidade de baixo custo, em especial ligado às situações extremas, como repressão, pobreza, desigualdade etc. E, como eixo principal, a mídia radical tem entrosamento com a cultura popular e com a dinâmica das identidades locais, pois as coloca como protagonistas no processo comunicativo.

Mas por que trouxemos a mídia radical para refletirmos teoricamente sobre o fanzine Cadê o afeto? Em primeiro lugar, a proposta de execução de um produto de mídia, no contexto atual, sem podermos estar presentes, sem estarmos nos laboratórios de TV e Rádio, e mesmo de informática e pela maior parte dos nossos participantes estarem realizando as aulas remotas via aparelho celular e por muitas vezes se conectarem pela internet com dados móveis, o zine como um meio comunicativo de baixo custo e de fácil produção foi a saída encontrada para elaboramos uma pesquisa-ação e produzirmos um canal alternativo, na disciplina.

Como segunda ideia, foi inspirada na articulação afetiva das mulheres mercadoras marroquinas e nas Mães da Praça de Maio de Buenos Aires (DOWNING, 2004, p.153-171), em que trouxeram a resistência e contra-hegemonia ao proporem outra esfera pública com seus discursos políticos, ora usando a estética interativa – fraldas na cabeça, por exemplo, ora significando a negociação equitativa com os homens, na cultura muçulmana local. Fatores comunicativos que expressam para o externo, impulsionando uma cultura democrática.

Além do próprio zine como alternativa de uma comunicação popular, foi trazido pelos discentes a expressão “Vacina sim, ele não”, comunicação que poderia ser usada como adesivo, *buttons* entre outras plataformas de mídia, e mesmo, de publicidade. Outra produção no zine, nessa perspectiva, foi o quadro do borrifador de álcool, dizendo que “em tempos tão áridos de afeto, qualquer borrifada de amor refresca a alma”. E a crítica sobre o isolamento social, dos moradores em situação de rua, na tirinha, problematiza outro lado político-social, a desigualdade social e a marginalização de sujeitos, marcadamente excluídos de afeto e de direitos.

## 1.2 Violência é crime!

O segundo grupo trouxe em seu fanzine o tema “Feminicídio, por quê? Crítica das violências vividas pelas mulheres”. A primeira parte apresentou um entendimento sobre o que é o feminicídio e como ele se caracteriza, com informações de que é o crime cometido contra mulheres pelo simples fato de serem mulheres, e que os agressores nem sempre são maridos ou namorados, mas também por conhecidos ou desconhecidos.

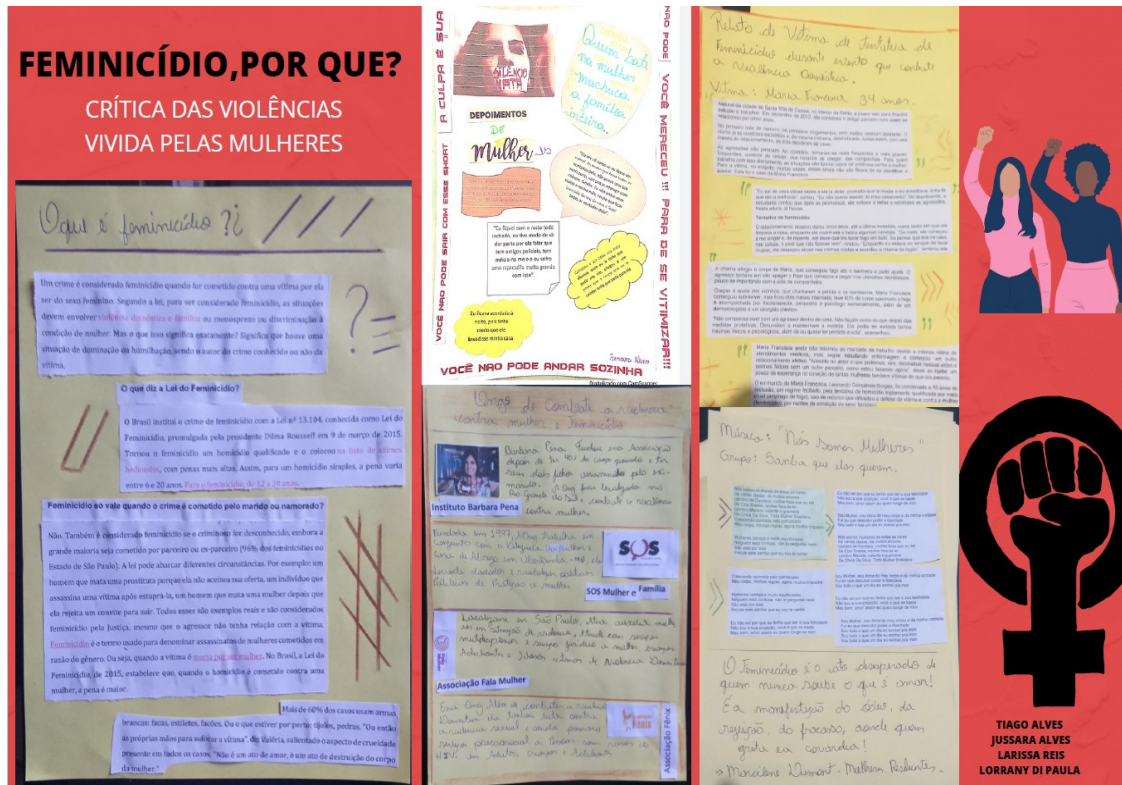
Depois dessa introdução, foi apresentado as armas mais comuns utilizadas no crime, como faca, martelo, machado, tesoura e outros. Na segunda parte, o grupo apresentou um recorte de falas de vítimas de violência e nas laterais da folha, algumas falas que são dirigidas as mulheres como: “você não pode fazer isso”, “a culpa é sua”; além de uma mensagem que dizia: “o silêncio dói”.

Como uma forma de informar o leitor, o grupo trouxe alguns exemplos de ONGs que atuam no combate e apoio de vítimas de violência e como e onde atuam, que são elas: Instituto Barbara Penna, SOS Mulheres e Família, Associação Fala Mulher. Nas páginas finais foi apresentado relato de uma mulher vítima de violência doméstica, no qual o texto explicava como teria acontecido o crime em que foi vítima. Ela conta que teve 40% do corpo queimado, após seu companheiro despejar álcool em seu corpo e atear fogo. Os vizinhos interviram e chamaram o socorro, depois disso, a vítima precisou passar por muitos tratamentos e relatou dificuldade em ter uma vida normal e até mesmo conseguir um emprego. Ao lado do relato, colocaram uma imagem ilustrativa de duas mulheres com a mão direita levantada em sinal de resistência.

Para finalizar, o grupo trouxe a letra de uma paródia musical que falava da luta da mulher e citava vários nomes como o da vereadora Marielle Franco que foi assassinada com seu motorista Anderson Gomes, e até hoje não se sabe quem foram os responsáveis. A paródia reafirma que a mulher tem suas vontades próprias e sobre serem guerreiras.

Quadro ilustrativo 4: zine “Feminicídio, por quê?”





Fonte: Zine Feminicídio, por quê? Grupo formado pelos discentes: Tiago Alves, Jussara Alves, Larissa Reis e Lorrany Di Paula.

Os movimentos populares e sociais vêm conquistando independência na articulação e produção dos processos de comunicação, e nas últimas décadas tem conseguido trazer voz a muitos sujeitos historicamente deixados de lado. Esses grupos, destacados no zine “Feminicídio, por quê?”, como o Instituto Barbara Penna, SOS Mulheres e Família, Associação Fala Mulher elucidam e didatizam a público uma alternativa de jornalismo comunitário, aquele que atende às demandas da cidadania e serve como instrumento de mobilização social.

Por meio das redes sociais digitais e outras plataformas digitais, a comunicação comunitária engajada socialmente tem resgatado características do Jornalismo Alternativo Basista (KUCINSKI, 2018, p.142), àquele preocupado com a “subcultura regional”, com os problemas do grupo e alinhados com o autorreconhecimento entre os envolvidos, na busca de desenvolver uma “[...] linguagem comum para a construção de um espaço político e social”. Esse espaço anteriormente, físico, agora é formado pela representação identitária e também discursiva. Ganhamos com essas novas possibilidades de comunicação comunitária, assim como esses temas, que comumente apenas são descritos nas mídias tradicionais, quando

ocorre um outro assassinato de cunho feminicida. Na comunicação popular comunitária a exploração dessas pautas, ganham outra rotina, variam da descrição, da investigação, do acompanhamento dos casos e principalmente na prevenção dessas violências, lutando no espaço político por leis mais rigorosas e equitativas, na educação para à crítica e ocupação de espaços de poder e mudança das estruturas sociais. Por isso que precisamos falar de violência contra as mulheres e do feminicídio.

### **1.3 Amazônia: natureza e gente!**

O terceiro grupo trouxe a temática “De onde falamos? A Amazônia não é só um território”. Com esse tema, o fanzine abordou a questão da Amazônia não apenas como um espaço territorial ou apenas floresta, mas como um lugar habitado por pessoas, povos, comunidades, entre outros. Na foto da capa do trabalho, há um texto que diz: Tem gente na Amazônia.

A discussão apresentada por esse trabalho, deu-se por meio da comunicação endógena, ou seja, uma comunicação que começa de dentro e se espalhe para o além da comunidade, porque assim se pode falar com propriedade do que se vive na Amazônia, indo além do tradicional publicado nos veículos nacionais, o qual comunica historicamente reforçando estereótipos do nosso local de fala.

O grupo apresentou algumas imagens da região Norte, explicando sobre o território. Também trouxeram imagens de povos que habitam a Amazônia, como os indígenas, quilombolas, ribeirinhos, entre outros, e como essas pessoas estão cada vez mais inseridas nas faculdades, nos espaços urbanos, fator que contradiz com a ideia de que, quem mora na Amazônia, mora apenas no “meio do mato” ou em regiões rurais e afastadas. Foi falado também sobre a questão do desmatamento e das riquezas que a Amazônia traz para nosso país, até mesmo no sentido medicinal.

Quadro ilustrativo 5: zine “De onde falamos?”

**QUEM MORA AQUI?**

NA REGIÃO DA AMAZÔNIA, TEM GENTE SIM.

A REGIÃO NORTE É A MAIOR REGIÃO EM EXTENSÃO TERRITORIAL, CORRESPONDENDO A UM POUCO MAIS DE 45% DO TERRITÓRIO BRASILEIRO. POSSUI UMA ÁREA DE, APROXIMADAMENTE, 3.853.676.948 KM2. POPULAÇÃO: SEGUNDO O IBGE, A REGIÃO ABRIGA CERCA DE 18.182.253 MILHÕES DE HABITANTES.

**MAS NÃO É SÓ ISSO**

O QUE É CAPAZES DE DEFINIR A AMAZÔNIA?

UMA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA, REALIZADA PELOS PRÓPRIOS AMAZONIDAS. LUTA DIÁRIA POR UM LUGAR DE FALA. ESTÃO SEMPRE NAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS.

Elaborado pelo autor. Fonte: IBGE – Cadastro de Municípios localizados na Amazônia Legal (2014); Ministério das Comunicações (jun/2015); e Anatel – Sistema de Controle de Radiofrequência (SRD) – jun. 2015.

\* Foram considerados os 181 municípios do Maranhão que integram a Amazônia Legal, localizados a Oeste de Maranhão 44 (83,0% do total do Estado).

Unidade da Federação	Total de Municípios	Total de municípios c/ Rádcom	%	Rádcom como única emissora de rádio local	Rádcom como único meio multimedial eletrônico
AMAZÔNIA	772	436	56,5	200	65
Acre	22	5	22,7	0	0
Amapá	16	14	87,5	5	0
Amazonas	62	35	57,3	21	0
Dist. Federal	144	95	65,9	25	15
Roraima	52	26	49,2	2	4
Roraima	15	5	33,3	2	0
Tocantins	139	68	48,9	45	25
Mato Grosso	141	77	54,6	22	5
Maranhão*	181	101	55,8	71	16

Fonte: Zine De onde falamos? Grupo formado pelos discentes: Claudeci Cunha, João Carlos, Marcos Vieira e Mateus Cardoso.

Quadro ilustrativo 6: continuação zine “De onde falamos?”

**Temos famílias**

Segundo o projeto Nova Cartografia Social Brasileira, foram mapeadas mais de 1.000 comunidades quilombolas na Amazônia Legal, assim também como vivem cerca de 180 povos indígenas, somando uma população de aproximadamente 208 mil indivíduos, além milhares de comunidades de seringueiros, ribeirinhos ou babaqueiros.

**Quilombolas e Indígenas**

**CULTURA**

O MATO GROSSO E O TOCANTINS, TAMBÉM POSSUI UMA CULTURA RICA, COMO CONGO.

RONDÔNIA, TEM A FESTA DO BOI BUMBÁ.

JÁ RORAIMA, APRESENTA FORTES INFLUÊNCIAS INDÍGENAS.

**COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA E ALTERNATIVA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ - UNIFESSPA**

**PROFº INGRID BASSI**

**EQUIPE CLAUDECI CUNHA JOÃO CARLOS MARCOS VIEIRA MATEUS CARDOSO**

Fonte: Zine De onde falamos? Grupo formado pelos discentes: Claudeci Cunha, João Carlos, Marcos Vieira e Mateus Cardoso.

Quando observamos a região norte do país, em especial o estado de onde falamos, o Pará, visualizamos uma miscigenação de origens e etnias sociais, também não diferente do Brasil. Rondon do Pará, por exemplo, foi inicialmente habitada por indígenas e havia poucos outros grupos sociais na virada do século XIX para o XX. Do decorrer dois últimos cinquenta anos há mais registros históricos de que no local, havia ocupações mais diversas, como

maranhenses, mineiros, e outros. Nos anos 70 com o *slogan* da Ditadura Militar de 1964, “Integrar para não Entregar”, os militares convidavam brasileiros de diversos estados a ocuparem a Amazônia, com a promessa de terra farta e colaboração financeira para empreendimentos no local, nesse mesmo tempo foi sendo potencializado (pelo discurso midiático e militar) o entedimento da ocupação na região amazônica para fins de interesse nacional em detrimento do “perverso”, que seria “dar ao estrangeiro” a riqueza natural da localidade, caso a sociedade brasileira não se integralizasse à Amazônia.

Em paralelo com esses discursos de naturalização dos estereótipos da Amazônia como local de selva, de extração, de exótico, de não local, de primitivo, de distante, de diferente, de necessário, muitos grupos em que ocuparam esses locais e de outros que já se originaram dele experimentam a convivência em comunidades. Essas comunidades, sejam de babaqueiros, ribeirinhos, seringueiros, indígenas, quilombolas e outros resistem na Amazônia e entornos. A resistência é física, estrutural e também discursiva. As histórias desses grupos, movimentos e comunidades saem da marginalidade, e encontram nos processos de comunicação comunitários, espaços possíveis de existirem. A Agência Amazônia Real é uma alternativa dessas vozes primárias (BASSI, 2020), outros exemplos são a Rede de Comunicação Mocoronga, do Projeto Saúde & Alegria, que dispõem de programação de rádio, de TV, peças teatrais, jornais educativos e formação de comunicação comunitária aos jovens nas localidades que abarcam, na região de Santarém, Pará.

Para Raquel Paiva o espírito de comunidade hoje, está para além de espaço e território, pode ser conectado em prospecções em comum. “A grande questão que se coloca em entendimento é a possibilidade de haver hoje um projeto comunitário em meio à heterogeneidade e à atomização societária reinante na grande cidade. Talvez a primeira tentativa deva ser ingressar nessa ideia com a perspectiva do ser-em-comum” (2003, p.79).

Quando discutimos, pautamos e evidenciamos essa possibilidade da convivência entre grupos, ora próximos, ora familiares, ora se unindo em razão de uma agenda em comum, resistimos na luta por reivindicações, direitos, justiça e espaços. O ponto central nessa abordagem é o “ser-em-comum” voltar-se à cidadania, como proposta alternativa e comunitária.

### Considerações finais

As teorias de Mídia radical, Comunicação Comunitária, Jornalismo Alternativo e Basista colaboraram para pensarmos o processo de produção dos zines como espaços de resistência política e cultural. O grupo de discentes, com o apoio da docente, se propuseram a pensar a transdisciplinaridade das teorias com a prática do zine, alimentando experiências do local e com o local, de vivências emocionais e relatos de vida, com a pesquisa sobre os temas do afeto na pandemia, o feminicídio e como transformar sua estrutura e a discussão de uma outra agenda para o tema da Amazônia, reivindicando outras narrativas locais, muitas vezes esquecidas e/ou marginalizadas.

Nessa produção trazemos como resultados além dos próprios zines, a articulação imperativa da disciplina de Jornalismo Comunitário e Alternativo com a luta por cidadania e a busca de garantias midiáticas às fontes primárias, moradores em situação de rua, vítimas de violências, ribeirinhos, quilombolas, babaqueiros, seringueiros, indígenas e outras comunidades, no caminho democrático do diálogo e do reconhecimento cultural dessas narrativas.

A potencieidade dessas comunicações dos zines reforçam nos discentes o papel do jornalista na sociedade, e aprumam em alguns o elo com a comunicação popular, comunitária e alternativa, em movimentos sociais, institutos, grupos, comunidades, processos, projetos e outras tecnologias sociais em desenvolvimento como práticas inovadoras nessa perspectiva voltada à cidadania.

### Referências:

- BASSI, Ingrid G. Perspectiva socioambiental no discurso jornalístico do site da Agência Amazônia Real. **Revista Relações Sociais**, 3(3), 0107-0121, 2020.  
<https://doi.org/10.18540/revsvl3iss3pp0107-0121>
- DORNELLES, Beatriz. **Jornalismo “comunitário” em cidades do interior** – uma radiografia das empresas jornalísticas: administração, comercialização, edição e opinião dos leitores. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2004.
- DOWNING, John D. H. **Mídia Radical** – rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Senac, 2002.
- HENRIQUES, Márcio Simeone. (org.). **Comunicação e estratégias de mobilização social**, 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

LEONEL, Juliana & MENDONÇA, Ricardo Fabrino (Orgs.). **Audiovisual comunitário e educação: histórias, processos e produtos**. Coleção Comunicação e Mobilização Social 7. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

PAIVA, Raquel (org.). **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PAIVA, Raquel. **Espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PAIVA, Raquel & SANTOS, Cristiano H. R. dos. **Comunidade e contra-hegemonia: rotas de comunicação alternativa**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008.

PERUZZO, Cicilia M. K. Observação participante e pesquisa-ação. In BARROS, Antonio & DUARTE, Jorge (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. (pp. 125-145). São Paulo: Atlas, 2015.

PERUZZO, Cicilia M.K. **Televisão comunitária**. São Paulo: Mauad, 2007.

\_\_\_\_\_. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. **Revista Contemporânea, comunicação e cultura**. Bahia: UFBA/POSCOM, v.11, n.1, p.138-158, 2013. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6980>. Acesso em 10 de maio 2021.